

Ensaio Sociológico sobre o Fenômeno do Lazer em Karl Marx e Paul Lafargue

Sociological Essay on the Leisure Phenomenon in Karl Marx and Paul Lafargue

*João dos Santos Filho*¹

RESUMO: Este artigo reflete uma nova epistemologia para o fenômeno do turismo e propõe rever a historiografia atual, usando para isso o referencial teórico do materialismo histórico e dialético; busca nas obras de Karl Marx e Paul Lafargue, e com a ajuda de alguns intérpretes, as sinalizações das categorias trabalho e não trabalho; compreende o desenvolvimento do lazer por meio da história dos meios de produção, o que significa entender o fenômeno ontologicamente, como princípio da humanidade dado pelo capital, elemento explicativo da vida.

PALAVRAS-CHAVE: marxismo e o fenômeno do turismo; capital e turismo; lazer e os modos de produção; historiografia marxista do turismo.

ABSTRACT: This article expresses a new epistemology of the tourism phenomenon. It also proposes to review the current historiography using the theoretical referential of the historical and dialectical materialism; to search for signals of labor and leisure (work and non-work) categories in Karl Marx's and Paul Lafargue's writings (aided by interpreters); to understand the development of the leisure through the means of production history, that is to say, to understand this phenomenon ontologically, as a humanity principle given by the capital - an elucidative element of life.

KEYWORDS: Marxism and the tourism phenomenon; capital and tourism; leisure and means of production; Marxist historiography of tourism.

Introdução

Pode parecer, a uma parte dos estudiosos do lazer e do turismo, que a leitura das obras de Karl Marx e de Paul Lafargue não possua qualquer relação com o estudo do fenômeno turístico, constituindo-se em algo ainda distante e estranho para a maioria dos pesquisadores no campo das ciências sociais. Mas essas obras, em sua essência, sinalizam uma antiga discussão sobre o mundo do trabalho e do não-trabalho, temática discutida pelo movimento socialista mundial como sinônimo de tempo livre, ócio, preguiça e lazer.

A primeira preocupação de Marx foi revelar para o mundo as condições de exploração contidas no interior do modo de produção capitalista e a continuidade do desenvolvimento da história por meio da luta de classes, ou seja, uma sucessiva mudança nas relações econômicas e políticas na construção da dinâmica histórica da humanidade. Ele destacou a acelerada diminuição do tempo de não-trabalho à qual o operário está sujeito, entendendo que cada modo de produção destrói a si mesmo – fruto de seu esgotamento histórico –, pois nenhum sistema é eterno, apesar de sua imensa força material e ideológica.

A segunda preocupação de Marx, que não está descolada da primeira, é a sua concepção de ciência, postura que se tornou elemento unificador do marxismo no mundo, permitindo o surgimento de críticas contundentes ao pensamento idealista, fenomenológico e existencialista, o que possibilitou a construção de um novo patamar epistemológico e sinalizou o fenômeno turístico como uma ciência que já incorpora uma sustentação de base axiológica.

O pensamento de Karl Marx considera a militância, ou seja, a luta de classes, elemento composto de “formas moventes e movidas da própria matéria: formas do existir, determinações da existência” (Lukács, 1978: 3), que são transformadoras da realidade e só podem existir quando o pensamento racional governa o descobrir do concreto. Essa é a práxis que move a relação histórica sujeito/objeto, permitindo o desenvolvimento da análise ontológica do ser.

Com esse pensamento, a contribuição de Marx para o estudo do lazer irradia-se por toda a sua obra, de forma esparsa e não seqüencial, pois o autor não se debruçou diretamente nas questões do lazer e do turismo. Entretanto, o estudo do modo de produção capitalista continua atual e extremamente útil na busca por determinações que explicam o lazer e o turismo na sociedade contemporânea.

1. Bacharel em Ciências Sociais e em Turismo; mestre em Filosofia e História da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor da Universidade Estadual de Maringá – UEM e do curso de Turismo do Centro Educacional Filadélfia, de Londrina. Fundador da Associação Brasileira de Bacharéis de Turismo de São Paulo – ABBTUR/SP e do Instituto de Análises sobre o Desenvolvimento Econômico Social – IADES. Contato: UEM – Rua Prof. José Pereira Diniz, 150 – 87045-090 – Maringá-PR; e-mail: joaofilho@onda.com.br.

nea. Nesse sentido, o estudo que estou realizando das obras de Marx busca detectar possíveis referências que possam aproximá-las do lazer e do turismo.

Cabe ressaltar que pensar o fenômeno do turismo via concepção marxista alimenta outras linhas de pesquisa e torna o objeto de estudo completo em sua dimensão teórica, abrindo novos campos de pesquisa nessa área e tornando o turismo uma preocupação importante no estudo das ciências sociais. Entretanto, produz também, de forma imediata, uma rejeição no interior da academia, pois os idealistas armam-se com os bastões da sabedoria do neoliberalismo.

Autor de obras inteligentes referentes a um cotidiano rico de realismo e dramaticidade, além de responsável pelo surgimento do socialismo francês, Paul Lafargue, nascido em Santiago de Cuba em 1842, mudou-se para a cidade de Bordéus, na França, em 1851, onde ingressou na faculdade de medicina. Militante da Primeira Internacional, escreveu sobre a sociedade burguesa, denunciando a exploração da classe trabalhadora com a arte de uma ironia extremamente realista e de fácil penetração entre os operários.

Lafargue se expressa com argumentos de denúncia para relatar as condições de trabalho no modo de produção capitalista, mostrando a força da ideologia do capital sobre os operários, produzindo o trabalho alienado e a superexploração.

Nesse sentido, faremos um *detour* pelas principais obras de Karl Marx e Paul Lafargue, apontando suas referências ao tempo livre e ao tempo de não-trabalho. Consideramos esse feito extremamente difícil e inédito, porém, decidimos enfrentar esses desafios iniciais esperando que outros pesquisadores continuem essa tarefa.

Trabalho, história e modos de produção

O desenvolvimento histórico da humanidade explica-se pelas diferentes formas de organização dos homens para garantir a sua sobrevivência, e essa relação planifica-se e recompõe-se no conjunto das atividades de *homo faber*, em que o homem e o meio interagem na luta pela existência. Essa dialética da vida social explicita-se em atos teleológicos², iniciando toda e qualquer relação humana e desenvolvendo a racionalidade entre os homens conforme o desenvolvimento dos modos de produção. Como reiteram Marx e Engels (1976a: 36):

2. O mundo é constituído por um sistema de relações entre meios e fins, em que o conhecimento ou a explicação dos atos humanos foi planejado anteriormente pelo próprio homem.

A consciência é, pois, um produto social e continuará a sê-lo enquanto houver homens. A consciência é, antes de tudo, a consciência do meio sensível *imediato* e de uma relação limitada com outras pessoas e outras coisas situadas fora do indivíduo que toma consciência [...].

Esse processo do *homo faber* caracteriza-o como elemento que só pode ser compreendido pelo mundo do trabalho, pois transforma o meio e recompõe o próprio ser humano no interior de sua práxis social cotidiana. Explicar a humanidade é objetivar a prática do trabalho como mediador da ação entre os homens, entendendo que a capacidade dada pela razão é o elemento que potencializa nossa direção para a construção do reino da liberdade³.

O pensador marxista Georg Lukács, um dos mais inteligentes e éticos pensadores das obras de Karl Marx, afirma:

Precisamente essa ligação do reino da liberdade com sua base sociomaterial, com o reino econômico da necessidade, mostra como a liberdade do gênero humano é o resultado de sua própria atividade. A liberdade, bem como sua possibilidade, não é algo dado por natureza, não é um dom do “alto” e nem sequer uma parte integrante – de origem misteriosa – do ser humano (Lukács, 1978: 15).

Explicar como o mundo percebia o trabalho foi tarefa árdua mesmo para pensadores como Karl Marx e Paul Lafargue, e a eles devemos essa ousadia numa época em que a lógica dada era baseada na visão do senso comum, em que a construção do real era puro fetichismo. A eles devemos as reflexões que levaram a sociedade a pensar e a exigir o direito ao tempo livre, ao ócio e ao lazer como conquistas sociais universais dos trabalhadores.

A luta militante e teórica desses homens obrigou o mundo a auscultar os interesses da classe operária, pois as armas intelectuais fornecidas por Marx e Lafargue mudaram os rumos da história da humanidade, trazendo à tona a reflexão crítica como lema da mudança.

O mundo, em sua dinâmica motora alimentada pela luta de classes, ganhará tonalidades científicas com esses pensadores, que colocaram a racionalidade como elemento direto do pensar, trabalhando o ser em sua plenitude ontológica:

1. O ser é visto como fruto de um processo histórico, em que formas moventes e movidas da própria matéria se baseiam em formas de existir e

3. Momento em que o trabalho deixa de ser determinado por necessidade e por utilidade exteriormente imposta.

determinações da existência: o homem modifica e é modificado pela sociedade;

2. A consciência reflete a realidade, o que lhe permite realizar ações para modificá-la e construir um mundo novo em que a exploração seja coisa do passado. A força da mudança é dada pelo homem em sua atitude de correspondência com a base da realidade.

Nessa perspectiva, o homem tem o poder de idealizar tudo aquilo que pretende realizar, pois é na consciência que ocorre o papel definitivo e decisivo de dar respostas à realidade e marcá-la com o timbre de humanidade por meio do trabalho. Assim, para entender o lazer e o ócio, temos de compreender, em primeiro lugar, o trabalho em sua dimensão plena de esforço físico e mental aliado à modificação histórica que produz na humanidade.

Interpretando Karl Marx, para “fazer história”, os homens devem satisfazer suas necessidades mais elementares: ter água potável para beber, saneamento básico, conseguir, por meio do trabalho, alimento para saciar sua fome, possuir um teto ou um pedaço de terra para poder produzir seu sustento, vestir-se, ter direito à saúde, à cultura, à educação e ao lazer; na verdade, ser cidadão do mundo. É justamente nesse momento que Marx e Engels (1976a: 33) afirmam de forma brilhante:

O primeiro facto histórico é, pois, a produção dos meios que permitem satisfazer essas necessidades, a produção da própria vida material; trata-se de um facto histórico, de umas condições fundamentais de toda a história, que é necessário, tanto hoje como há milhares de anos, executar dia a dia, hora a hora, a fim de manter os homens vivos.

Nota-se que o trabalho constitui o elemento fundamental que produz e reproduz a humanidade em sua dimensão ontológica, em que o ser é o elemento mais importante porque pode responder por si e pensar pela razão, ao contrário do pensamento místico e religioso. O resgate da razão como guia da práxis humana torna o indivíduo independente e movimenta a vida segundo os interesses nobres da luta política e ideológica, no contexto de uma sociedade na qual o trabalho liberta o homem, e não o escraviza.

Essa amplitude – em que o homem seja o centro das atenções – pode oferecer as armas para que o ser humano descubra as vias possíveis de atuação que permitam esgotar todas as relações de produção capitalista no seu patamar máximo de desenvolvimento. Entrever-se-iam, então, as fissuras de sua dedecadência e aparecimento do verdadeiro socialismo, que ainda não despontou – nem próximo ou distante –, como afirmam certos setores da intelectualidade acadêmica.

A categoria trabalho, quando entendida, permite que o pensamento desenvolva níveis de alta racionalidade, em que a unidade de decisão passa do senso comum para a reflexão científica, e na qual as verdades tornam-se as diretrizes do cidadão do mundo, capaz de modificar sua própria história.

Nesse sentido, partimos do pressuposto de que todo o processo que ocorre entre os homens é produto de uma atividade que altera o meio social e que se configura pelo trabalho, constituindo-se num divisor entre o pensamento místico e o histórico. Entender essa diferença significa pensar a produção da vida nos moldes do “método da economia política”, em que as relações econômicas e políticas explicam a dinâmica dos homens.

Presumindo que a história dos homens se concretiza no interior da luta de classes, só poderemos compreender a humanidade entendendo como os homens se organizam para suprir suas necessidades biológicas e sociais: “A primeira condição de toda a história humana é evidentemente a existência de seres vivos” (Marx e Engels, 1976a: 18). O afastamento da fase biológica e o avanço no plano social é um processo que deve ser entendido no campo da racionalidade, em que os homens passam a acreditar em suas potencialidades plenas dadas pela razão.

Ressalte-se aqui que não queremos travar nenhuma polêmica sobre a interpretação marxista da história, mas demonstrar a importância de Marx para o entendimento do lazer e do turismo.⁴

Começamos, então, pela concepção de história como um processo de construção metodológica concomitante à crítica nos moldes da economia política, que Marx magistralmente aplicou ao capitalismo. Essa dinâmica se movimenta por meio da luta de classes, que vai demonstrando a superação das formações econômicas atrasadas por forças mais desenvolvidas. É nessa formulação teórica que devemos buscar o entendimento de lazer e tempo livre.

Os homens começam a se distanciar dos outros animais quando iniciam a produção dos seus meios de subsistência, configurando assim sua produção da vida material.

O ser humano produz sua realidade material deixando a marca de um processo de vida ativo, no qual, em pontos diversos do planeta, ele é o agente transformador e que pode determinar os rumos de sua própria existência. Esse processo

4. Em primeiro lugar, entendemos que Karl Marx não pode ser considerado culpado por aquilo que deixou de escrever, como é comum notar em algumas insinuações literárias existentes no interior da academia. Atribui-se a Marx ideias e falas que não são suas, da mesma forma que se eliminam fatos e explicações do próprio autor. É esse o motivo de existirem vários marxismos, que acabaram distorcendo a própria epistemologia.

só pode ser explicado pela categoria trabalho, que é o aditivo transformador e revelador do domínio humano sobre a natureza.

A base material permite pensar uma sociedade concreta na qual os homens produzem seus meios de subsistência e determinam sua consciência coletiva segundo o interesse das classes sociais

Com o desenvolvimento das forças materiais da produção⁵, os homens potencializam as lutas de classes segundo seus interesses e sua força material e ideológica, uns para manter o *status quo*, outros para transformar radicalmente a relação de poder. As forças produtivas determinam as modificações nas relações sociais estabelecidas, plasmando um determinado tipo de vida social.

Assim, iniciamos uma compreensão mais específica, percebendo que Karl Marx, ao pensar a ciência da história, não o fez como curioso, mas pensando-a como elemento fundador de sua práxis. Nela a história ganha significado e explicita-se viva e ricamente em múltiplas determinações. Nesse sentido, a aridez idealista que ainda comanda nosso pensar hegeliano acaba, muitas vezes, dificultando a apreensão do pensamento marxista e do turismo.

O pensamento de Marx é o que tem de mais atual para compreender a realidade social, política e econômica de um país, e para entendê-lo temos de nos apropriar das premissas que esse pensamento especifica. Em primeiro lugar, para que os homens possam fazer história, devem conseguir satisfazer todas as suas necessidades básicas; em segundo lugar, satisfeito ou não esse objetivo, novas necessidades sociais serão geradas e classificadas como mais racionais e menos naturais; em terceiro lugar, a vida resulta das vinculações sociais entre os homens, que se relacionam diretamente com as relações de produção social.

O homem é fruto de sua atividade concreta, e não de interpretações idealistas ou morais. O ser é resultado de um ato de trabalho que modificou o meio e a si mesmo. Essa simbiose confere ao homem o título de rei da terra, isso quando não subjugado por outros homens, razão pela qual poucos sabem dizer qual a saída para a crise mundial que afeta a existência humana baseada na dignidade de si mesmo e do outro.

Podemos afirmar que nada pode ser entendido se não sinalizarmos quais foram as formas organizadas que os homens criaram para sobreviver durante a sua história. Nesse caso, Karl Marx afirma com muita confiança que

os homens têm uma história pelo fato de serem obrigados a *produzir* a sua vida e de terem de o fazer de um *determinado* modo: esta necessidade é uma consequência da sua organização física; o mesmo acontece com a sua consciência (Marx e Engels, 1976a: 35).

As diferentes divisões de trabalho que vão surgindo na história marcam a existência humana. Nesse recorrido, o homem determina as relações entre seus pares, destruindo a igualdade natural e impondo uma relação de exploração que lhe garante a dominação econômica e política sobre o outro.

A desigualdade, portanto, constitui um fato criado pelos homens em uma determinada etapa da humanidade. A luta pela igualdade, pela justiça, pela democracia e pelos direitos humanos será a base de todas as políticas existentes, tanto dos países de Terceiro Mundo quanto dos de Primeiro. Em todos eles a lógica da diminuição da injustiça faz-se presente nas plataformas dos partidos, porém as mesmas se explicitam segundo os interesses da classe dominante e dos costumes de cada povo.

Assim, as atividades provenientes do não-trabalho vão aparecer sob diversas e ricas relações culturais que, por sua vez, espelham os costumes que marcam a força de cada população segundo o desenvolvimento das relações de produção. A base das manifestações populares são expressões culturais que se apresentam formatadas em diferentes atividades de lazer e turismo.

Para Paul Lafargue, o trabalho é a fonte de todas as misérias do mundo, e é nesse campo que Karl Marx também expõe sua angústia e aponta de forma racional a idéia política de ultrapassar o capitalismo, ou seja, nega uma forma de trabalho angustiante (capitalista) e sinaliza com o socialismo. Esse é o caminho para que o homem possa criar um modo de vida no qual ele seja livre, e não escravo do trabalho.

A vida lúdica que permeava o estilo das sociedades “primitivas” torna-se novamente o elemento básico para entender a sociedade socialista: o trabalho é colocado como benefício coletivo, e não individual. É nessa linha que o socialismo aparece como elemento capaz de tornar o trabalho prazeroso, pois o homem tem todas as suas necessidades garantidas pelo trabalho coletivo e comunitário.

O trabalho como determinação ontológica e o fenômeno do lazer e do turismo

Em primeiro lugar, não podemos entender o fenômeno do turismo e do lazer se não compreendermos o desenvolvimento do trabalho humano, motivo pelo qual nos detivemos, até então, em focalizar a importância da categoria trabalho. Para Georg Lukács (1978: 12-13):

5. Expressas pelos equipamentos em geral, pelas ferramentas e pela tecnologia que se relacionam dialeticamente com as forças produtivas, ou seja, com os homens no interior do processo de produção, sob a forma de empregador e empregado, servo, escravo e assalariado.

Em primeiro lugar, há uma tendência constante no sentido de diminuir o tempo de trabalho socialmente necessário à reprodução dos homens. Trata-se de uma tendência geral, que hoje já ninguém contesta [...] Em segundo lugar, esse processo de reprodução tornou-se cada vez mais nitidamente social [...] Em terceiro lugar, o desenvolvimento econômico cria ligações quantitativas e qualitativas cada vez mais intensas entre as sociedades singulares originariamente pequenas e autônomas, as quais no início – de modo objetivo e real – compunham o gênero humano.

O trabalho determinará a necessidade do não-trabalho que, conseqüentemente, será tipificado em diferentes *atividades* de lazer e turismo segundo o desenvolvimento das relações de produção. O mundo do trabalho acelera o processo de sua própria negação à medida que seu tempo começa a ser pressionado no sentido da diminuição das horas laborais.

O trabalho deixa de ser visto como castigo e passa a ser cultuado como virtude e necessidade oriunda do mundo moderno; suas raízes voltadas para a criação espetacular de riqueza permitem intensificar, tanto no sistema capitalista como no chamado socialismo, a busca pela diminuição das horas de trabalho. Essa reivindicação enseja a distribuição da classe trabalhadora em diferentes extratos dentro da hierarquia, organizando-se e lutando pelo direito ao lazer via turismo.

Essa dialética, para entender o lazer e o turismo como elemento interligado da atividade de trabalho, traz à tona uma dinâmica histórica única capaz de compreender o objeto em sua forma ontológica. Nesse sentido:

[...] A consciência reflete a realidade e, sobre essa base, torna possível intervir nessa realidade para modificá-la, quer-se dizer que a consciência tem um real poder no plano do ser e não – como se supõe a partir das supracitadas visões irrealistas – que ela é carente de força (Lukács, 1978: 3).

Todas as bases da consciência constituem-se em produto da materialidade, portanto, resultado do pensamento e das atividades dos homens, que buscam dar respostas para satisfazer suas necessidades básicas ou secundárias. Essas bases ajuntam-se na sinalização para o “reino da liberdade”, incitando os homens a adquirirem condições históricas para poder lutar contra a exploração e afastando-os da falsa consciência.

Lutar para que o ócio fosse um direito de todos, e não um privilégio de alguns, foi a primeira afronta direta contra a apologia do trabalho disseminada pela sociedade burguesa. Questionar a salvação pelo trabalho, como moral burguesa, foi uma provocação à religião do trabalho, feita diretamente e de forma contundente por Paul Lafargue que, como genro de Karl Marx, compartilhava das idéias do pai de sua mulher.

Quanto a Marx, a humanidade lhe deve favores, pois foi ele quem avançou na leitura do capitalismo, apontando as bases de sua superação, discutindo a noção do não-trabalho.

Na verdade, foram esses autores que pensaram o direito ao não-trabalho e que nos permitiram discutir e aprofundar a necessidade de entender o lazer e o turismo na sociedade contemporânea. Apesar do preconceito que ainda existe no interior dos centros de estudo sobre o trabalho, nada é mais desagradável do que constatar que certos setores da academia ainda têm profundas resistências para assimilar a “economia do tempo” produzida no interior da economia “formal”.

Considerando que as idéias de trabalho e lazer surgem historicamente unidas, pois o ato de sobrevivência aparece acoplado ao lúdico, e que as manifestações pela sobrevivência fixar-se-ão inicialmente nos interesses meramente familiares de subsistência, o trabalho e o lazer fundem-se nas atividades culturais e ocultam as possíveis diferenças que possam existir de forma latente naquele grupo social.

Ócio

A palavra ócio tem um significado de oposição à vida ativa, pois implica estar livre da necessidade de estar ocupado. *El ocio no puede estar relacionado con ninguna ocupación* (De Grazia, 1966: 40). Para Aristóteles, a capacidade e o uso do ócio são a base da vida do homem livre que, por sua vez, encerra em si toda a potencialidade para desfrutar uma vida isenta da ingerência de qualquer grupo social, tornando-se prazerosa pela liberdade e pela igualdade.

A sagrada família

A sagrada família foi a primeira obra elaborada em comum entre Marx e Engels. Voltada para os jovens hegelianos de Berlim, tem como objetivo criticar a filosofia especulativa. Esse escrito possui imenso valor para o materialismo histórico e dialético, pois permite marcar as bases ontológicas que delimitam o pensamento materialista. E para nós, turismólogos, é de fundamental relevância, pois é daí que os autores oferecem ao mundo científico os axiomas do materialismo, passíveis de permitir uma análise oposta à da historiografia oficial.

Ao compreendermos que a lógica do pensamento histórico materialista tem como categoria explicativa da existência o ser humano como elemento que atua, modifica, retifica, destrói e constrói a realidade e a si mesmo, percebemos, que a noção de não-trabalho (tempo livre) surge de forma concomitante à de trabalho.

Portanto, a leitura do ócio, do lazer e do turismo adquire uma dimensão ímpar na visão materialista, pois contrapõe integralmente os – agora – velhos e limitados paradigmas que explicam o surgimento do turismo.

A luta que se trava é contra o idealismo metafísico, que construiu um mundo em que a realidade é puro fetiche, e somente a abstração fundada na materialidade é capaz de ter na razão o elemento intermediário para chegar ao concreto, o que permitiria entender os fenômenos do lazer e do turismo em outra base epistemológica.

Como sabiamente coloca Marx e Engels no prefácio de *A sagrada família*:

Na Alemanha, o humanismo *real* tem como seu inimigo o espiritualismo ou o idealismo especulativo que substitui o homem individual real pela << *Consciência em si* >> ou pelo <<Espírito>> e que afirma, à semelhança do Evangelista: << É o espírito que vivifica, a carne a nada monta.>> Escusado será dizer que este Espírito desencarnado apenas é espírito imaginário.

Marx pontua sua crítica a Hegel, principalmente na concepção de história que ele desenvolve, em que a materialidade inexiste como base concreta, pois o que prevalece é a noção de espírito absoluto, que nega toda a substância e abole a natureza.

É essa concepção de mundo que sustenta a maioria dos estudos sobre o turismo, em que prevalece a análise reducionista do fenômeno. Tal tendência evidencia-se, por exemplo, quando fazemos uma leitura econômica do turismo, como foi brilhantemente demonstrado no texto de Karl Marx, *O método da economia política*, e trabalhado de forma avançada pela pesquisadora Marutschka Martini Moesch (2000: 37) em sua obra *A produção do saber turístico*, quando comenta:

O turismo passa a ser um valor de troca.

Se as informações estatísticas e os estudos de tendências realizados pela Organização Mundial do Turismo e demais agências continuam a mostrar a aparência do turismo, corroborando a vertente pragmática, que o apresenta como uma atividade de forte apelo econômico, reduzir sua compreensão a ela é desconhecer a essência de um fenômeno que exerce uma pressão crescente sobre a produção da subjetividade social, o ecossistema, o modo estético e a herança cultural das localidades visitadas. Superar tal compreensão reducionista só será possível por meio de uma teorização mais complexa, em que a categoria econômica seja articulada às demais categorias [...]

Os elementos que podemos apontar como mais relevantes em *A sagrada família*, no campo do fenômeno do turismo, estão explícitos na descrição que os autores fazem da situação concreta dos trabalhadores nas fábricas inglesas:

A crítica decreta que, nas fábricas inglesas, se trabalha dezesseis horas, se bem que as legislações inglesas, ingênuas e sem espírito crítico, tenham disposto que não se trabalhe mais do que doze horas diárias. Decreta que a Inglaterra deverá tornar-se uma imensa oficina mundial, se bem que, massivos e sem qualquer espírito crítico, os americanos, os alemães e os belgas estejam a arruinar, pouco a pouco, pela concorrência, todos os mercados ingleses (Marx e Engels, s/d: 18).

O importante dessa obra é que seus autores fazem, no plano empírico, uma descrição detalhada das condições de vida dos trabalhadores e uma reflexão epistemológica em que as bases são o combate persistente ao idealismo. Isso fortalece as visões materialistas, históricas e dialéticas, desmistificando o real e aprimorando a visão de totalidade, capaz de entender o objeto em sua dimensão histórica de verdade científica.

Ao descreverem as condições de trabalho, Marx e Engels estão, na verdade, sinalizando que as condições para o não-trabalho e para o tempo livre vão se tornando objeto de luta dos movimentos sindicais e socialistas que passam a movimentar o mundo do trabalho. Nesse processo, o ócio, o lazer e o turismo aparecem concomitantes à categoria trabalho, à luta contra a opressão e contra o tipo de trabalho escravo que a população nos séculos XVIII e XIX está submetida.

A ideologia alemã

Obra de Marx e Engels, *A ideologia alemã* foi redigida em 1847, porém, só foi publicada em 1932, na União Soviética. Ela expõe de forma sistemática os princípios do materialismo histórico e do socialismo científico, e faz uma crítica geral à filosofia especulativa.

Alguns fragmentos importantes existentes na obra poderão sinalizar novos campos de pesquisa para o turismo e para o lazer, pois o importante é aprofundar estudos dentro de outros patamares teóricos, que tragam para o interior da academia a discussão e o debate sobre o fenômeno turístico.

A obra expressa como os homens criam os meios necessários para a geração de novos instrumentos de produção e como, conseqüentemente, buscam diminuir a jornada de trabalho na busca por descanso, via ócio, lazer ou turismo.

[...] A existência de um primeiro pressuposto de toda a existência humana e, portanto, de toda a história, a saber, que os homens devem estar em condições de poder viver a fim de <<fazer história>>. Mas, para viver, é necessário antes de mais nada beber, comer, ter um tecto onde se abrigar, vestir-se, etc. O primeiro facto histórico é, pois, a produção dos meios que permitem

satisfazer essas necessidades, a produção da própria vida material; trata-se de um facto histórico, de umas condições fundamentais de toda a história, que é necessário, tanto hoje como há milhares de anos, executar dia a dia, hora a hora, a fim de manter os homens vivos (Marx e Engels, 1976a: 33).

Para os homens manterem-se vivos precisam satisfazer as necessidades primárias e secundárias, e dentre elas, necessariamente, incluir-se-á o lazer e, como forma contemporânea, o turismo. Esses são pontos que, apesar de não constarem na literatura de Marx, foram de uma forma ou de outra por ele sinalizados.

Uma das passagens mais brilhantes de *A ideologia alemã* é o momento em que, ao abordarem a sociedade comunista, os autores comentam sobre a necessidade liberdade de escolha pelas atividades de trabalho e de lazer.

Na sociedade comunista, porém, onde cada indivíduo pode aperfeiçoar-se no campo que lhe aprouver, não tendo por isso uma esfera de actividade exclusiva, é a sociedade que regula a produção geral e me possibilita fazer hoje uma coisa, amanhã outra, caçar de manhã, pescar à tarde, pastorear à noite, fazer crítica depois da refeição, e tudo isto a meu bel-prazer, sem por isso me tornar exclusivamente caçador, pescador ou crítico (Marx e Engels, 1976a: 41).

A sociedade capitalista tende a universalizar seus pensamentos segundo os interesses da classe dominante e, nesse sentido, Marx delimita de forma concreta o seguinte pensamento:

Os pensamentos da classe dominante são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes, ou seja, a classe que tem o poder *material* dominante numa sociedade é também a potência dominante *espiritual*. A classe que dispõe dos meios de produção material dispõe igualmente dos meios de produção intelectual, de tal modo que o pensamento daqueles a quem são recusados os meios de produção intelectual está submetido igualmente à classe dominante. Os pensamentos dominantes são apenas a expressão ideal das relações materiais dominantes concebidas sob a forma de idéias e, portanto, a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante; dizendo de outro modo, são as idéias e, portanto, a expressão das relações que fazem de uma classe a classe dominante; dizendo de outro modo, são as idéias do seu domínio (Marx e Engels, 1976a: 55-56).

Esses argumentos auxiliam no estudo dos parques temáticos e de sua ideologia, que de infantil não tem nada, mas que demonstra uma estrutura composta de suaves elementos doutrinadores que são expressos por meio do lúdico, do fantástico, do irreal, do ilusório e, o pior de todos, do idiotizante. A realidade é marcada pela falsidade e trabalha no campo do fetiche.

Outro ponto interessante é a noção de padronização, um desrespeito total às particularidades em que uma imensa força centrífuga nos coloca diante da globalização que Lênin chamou de imperialismo. E a que Marx e Engels (1976a: 75) assim se referem:

Criou por todo lado as mesmas relações entre as classes da sociedade, destruindo por isso o carácter particular das diferentes nacionalidades. E finalmente, enquanto a burguesia de cada nação conserva ainda interesses nacionais particulares, a grande burguesia surge com uma classe cujos interesses são os mesmos em todas as nações e para a qual a nacionalidade deixa de existir; esta classe desembaraça-se verdadeiramente do mundo antigo e entra simultaneamente em oposição a ele.

Esse processo de homogeneização da cultura, em que o regional, o local e o *folk* sofrem uma pasteurização das relações sociais e dos costumes, afeta exclusivamente o turismo, pois a pressão do estilo de vida *fast-food* alimenta a idéia de aldeia global, em que o padrão de vida é ditado segundo os interesses da classe dominante e dos dirigentes que detêm o monopólio do “bem servir”.

Essa lógica funciona dentro dos padrões de qualidade que seguem os interesses do turista estrangeiro que busca satisfazer sua necessidade sexual, pois os agentes de turismo constroem a imagem de um país exótico e de mulher fácil.

O Brasil deve lutar para manter suas peculiaridades em todos os campos: na culinária, na hospitalidade, no padrão de atendimento e no respeito às suas crianças e aos seus adultos no que se refere aos direitos humanos. Nada deve tirar do brasileiro sua brasilidade, mas sim colocá-la à mostra, demonstrando orgulho pela população africana, européia e pelo nativo da terra.

Considerações finais

O presente texto constitui um dos poucos escritos existentes sobre as questões relativas ao estudo epistemológico do fenómeno turístico dentro do materialismo histórico e dialético, buscando resgatar nas obras de Karl Marx e Paul Lafargue – e mais contemporaneamente nos escritos dos filósofos marxistas Georg Lukács e István Mészáros – as sinalizações sobre o turismo e o lazer. Com isso ousamos contribuir para enriquecer o arcabouço teórico-filosófico de uma epistemologia do turismo.

Pelo ineditismo da investigação e pelo compromisso que nós, intelectuais, devemos ter com a produção científica – que deve ser de acesso irrestrito a todos que dela necessitam –, colocamos à disposição da academia este trabalho, que não

está concluído, mas que, sem dúvida, será polêmico e contribuirá para a reflexão sobre o turismo no Brasil.

Cabe ressaltar que, em ciência, não há posições “erradas”, mas outras interpretações que enriquecem o conhecimento já adquirido e promovem o avanço da racionalidade humana.

Nosso esforço foi no sentido de demonstrar que o materialismo histórico e dialético é dotado de um instrumental de leitura do concreto extremamente revelador das causas que compõem o fenômeno turístico, abrindo a possibilidade para outros entendimentos. Essa qualidade torna-o importante no mundo acadêmico e científico, qualificando-o como capaz de fazer uma leitura ontológica do fenômeno turístico.

O pressuposto que sustenta nossa leitura entende que não existe uma única interpretação ideológica do fenômeno, mas que todo e qualquer discurso é ideológico. Com isso queremos dizer que não há ideologia inocente. Não adianta qualificar o nosso discurso como ideológico, pois o discurso daquele que assim nos considera também o é.

Com esse entendimento, apontamos para a necessidade de repensar conceitos e categorias tidas como consagradas no campo da ciência do turismo, incorporando novos elementos teóricos e empíricos que exigem uma releitura para uma nova acomodação epistemológica.

Nossa intenção foi agrupar uma série de conteúdos, buscando dar uma lógica histórica e permitir que novos pesquisadores avancem nos estudos científicos do turismo, contribuindo assim para que este incorpore de vez a qualidade de ciência.

Referências bibliográficas

- FERNANDES, Florestan. 1987. Nós e o marxismo. In: *Cadernos Ensaio: Série Grande Formato. Marx hoje*. São Paulo: Ensaio.
- DE GRAZIA, Sebastián. 1966. *Tiempo, trabajo y ocio*. Madrid: Tecnos.
- KUCZINSKI, Jurgen. 1979. Breve historia de la economía. In: *Historia de las formaciones precapitalistas II – Selección de lecturas*. Havana: Pueblo y Educación. Tomo I.
- LAFARGUE, Paul. 1999. *O direito à preguiça*. São Paulo: Hucitec: UNESP.
- LEFEBVRE, Henri. 1966. *Para compreender o pensamento de Karl Marx*. Lisboa: Edições 70.
- LUKÁCS, Georg. 1978. As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem. In: *Temas de Ciências Humanas*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, n° 4.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. 1976. *A ideologia alemã I: crítica da filosofia alemã mais recente na pessoa dos seus representantes Feuerbach, Bruno Bauer e Stirner, e do socialismo alemão na dos seus diferentes profetas*. Portugal: Presença.

_____. 1976b. *Sobre a religião*. Lisboa: Edições 70.

_____. *s/d. A sagrada família: ou crítica da crítica contra Bruno Bauer e consortes*. Portugal: Presença: Martins Fontes.

MARX, Karl. 1985. *Grundrisse: lineamentos fundamentais para la crítica de la economía política 1857-1858*. México: Fondo de Cultura Económica.

_____. 1971. Formas que preceden a la producción capitalista. Argentina: *Cuadernos de Pasado y Presente*.

MOESCH, Marutschka Martini. 2000. *A produção do saber turístico*. São Paulo: Contexto.

MORAES, João Quartim de. 1998. *Epicuro: as luzes da ética*. São Paulo: Moderna.

NADER, Gizlene. 1983. Marx e a história. In: KONDER, Leandro *et al. Por que Marx?* Rio de Janeiro: Graal.

Recebido em 03/04/2004.

Aprovado em 07/05/2004.